

O COMENTARIADO HOMOTRANSFÓBICO NO FACEBOOK: DISCURSO DE ÓDIO E RETÓRICAS LGBTFÓBICAS ONLINE

Leo Mozdzenski

Doutor em Comunicação (PPGCOM/UFPE), doutor em Letras (PPGL/UFPE) e, atualmente, pós-doutorando em Direitos Humanos (PPGDH/UFPE), leo_moz@yahoo.com.br.

Resumo

No início de fevereiro de 2021, o vídeo intitulado *Casal gay é açoitado na Indonésia* viralizou na página do Facebook da ONG Ostras G Diversidade (RJ), recebendo mais de 2 mil comentários, majoritariamente impregnados de injúrias, difamações e observações LGBTfóbicas. O vídeo mostra um casal homoafetivo recebendo cerca de 80 chibatadas como punição por manterem relações sexuais, o que é considerado ilegal em Aceh, única província da Indonésia que obedece a *sharia* (lei islâmica). Em sua postagem no Facebook, a ONG fluminense – voltada para a defesa dos direitos humanos, de políticas públicas e da cidadania da população LGBT – expressou seu repúdio e indignação. No entanto, logo em seguida, foi bombardeada por pontos de vista moralistas, preconceituosos, fundamentalistas. Este trabalho propõe analisar esse episódio à luz dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) e da teoria *queer*, desvelando as estratégias retóricas usadas pelo discurso de ódio homotransfóbico proferido por internautas reacionários e intolerantes, evidenciando as indelévels opressões sofridas pelas dissidências sexogênicas em razão de uma sexualidade e/ou de uma identidade de gênero desviante daquilo que se impõe como “normal” na sociedade brasileira contemporânea. Os resultados da pesquisa identificam cinco categorias analíticas: a retórica cis-hetero-compulsória, a retórica religiosa, a retórica legalista, a retórica biologizante e a retórica derrisória.

Palavras-chave: LGBTfobia, Retóricas homotransfóbicas, Discurso de ódio, Facebook, Redes sociais digitais.

Introdução

No início de fevereiro de 2021, um vídeo postado pela ONG Ostras G Diversidade em sua página no Facebook viralizou, alcançando a marca de 515,4 mil visualizações nos dez primeiros dias e obtendo mais de 16 mil *emojis* de reação.¹ O vídeo intitula-se *Casal gay é açoitado na Indonésia* e mostra um casal homoafetivo recebendo cerca de 80 chibatadas como punição por manterem relações sexuais. A homossexualidade é considerada ilegal em Aceh, única província da Indonésia que obedece a *sharia* (lei islâmica). Em sua postagem no Facebook, a Organização Não Governamental fluminense – voltada para a defesa dos direitos humanos, de políticas públicas e da cidadania da população LGBT² – expressou seu repúdio e indignação.

Surpreendentemente, a página do Facebook da Ostras G Diversidade – seguida apenas por um pouco mais que 2.700 pessoas e sem muito engajamento em suas postagens regulares – passou a ser bombardeada com comentários homotransfóbicos. Até o momento, há o registro de 2.295 comentários, constituídos majoritariamente por injúrias, difamações e pontos de vistas preconceituosos contra os membros da comunidade sexodiversa. Diante desse cenário, a presente investigação objetiva analisar que estratégias retórico-discursivas são mais recorrentemente utilizadas no discurso de ódio LGBTfóbico

1 Disponível em: <<http://bit.ly/2N4Mlds>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

2 Sigla usada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Atualmente, é possível observar o emprego de outras abreviações derivativas, como LGBTQ (com a letra Q indicando as pessoas *queer*, sendo mais presente nos movimentos sociais estadunidenses), LGBTI (com a letra I indicando pessoas intersexuais, usada com frequência por entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas e a Anistia Internacional) ou, mais recentemente, LGBTQIA+ (com a letra A indicando os assexuais e o sinal + para representar outras identidades/sexualidades disruptivas não cobertas pelas letras anteriores). No presente trabalho, será utilizada a sigla LGBT, por ser o termo de maior uso corrente nas pesquisas nacionais, na mídia e em documentos oficiais. Em todo caso, o emprego da sigla aqui diz respeito a qualquer pessoa não heterossexual e/ou não cisgênera. Também serão adotadas doravante as seguintes convenções: a) na esteira de Lopes (2011), o adjetivo “gendérico” (e suas variações) corresponde à locução adjetiva “de gênero” (cf. *gender*, ou seja, “gênero” em inglês); b) apesar de suas especificidades semânticas, os seguintes termos são considerados equivalentes: comunidade LGBT, população sexodiversa, público sexodissidente e dissidências sexogendéricas (e variações dessas expressões).

proferido por internautas reacionários e intolerantes, evidenciando as indelévels opressões sofridas pelas dissidências sexogendéricas em razão de uma sexualidade e/ou de uma identidade de gênero desviante daquilo que se impõe como “normal” na sociedade brasileira contemporânea.

Metodologia

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que consiste na investigação de um estudo de caso. Para tanto, os procedimentos metodológicos adotados lançam mão das diretrizes preconizadas pelas abordagens dos Estudos Críticos do Discurso e da teoria *queer*, discutidas mais adiante. Isto é, são procedimentos operacionalizados para identificar, descrever e analisar criticamente como se dá a construção das proposições retóricas mais relevantes e recorrentes usadas por internautas LGBTfóbicos em face do vídeo *Casal gay é açoitado na Indonésia*.

Mais particularmente, do *corpus* expandido de 2.295 comentários, foram selecionados 150 enunciados para integrarem o *corpus* restrito, em que se revela patente o discurso de ódio homotransfóbico. Por fim, todos esses comentários serão categorizados a partir de suas “retóricas” mais usuais e produtivas, organizadas consoante as seguintes categorias analíticas: a retórica cis-heterocompulsória, a retórica religiosa, a retórica legalista, a retórica biologizante e a retórica derrisória.

Referencial teórico

Para a realização dessa empreitada, este trabalho fundamenta-se nos princípios teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso (ECD). Sob a égide dos ECD, firmou-se um projeto comum de estudo da fala, da escrita e de outros modos semióticos (imagem, som, música, design, gesto, linguagem corporal, etc.), que propõe descrever, interpretar e divulgar como as formas de poder, a dominação e a desigualdade social são (re)produzidas nas práticas discursivas, em seus contextos sociopolíticos e culturais de funcionamento (VAN DIJK, 2003, 2008; FAIRCLOUGH, 2016).

Na verdade, os ECD não constituem uma escola ou disciplina. Trata-se, antes, da adoção de uma postura assumidamente crítica e

politicizada de investigar, identificar e expor o que está implícito ou naturalizado nos textos orais, escritos e multissemióticos, e que, de alguma maneira, produz efeitos sobre a liberdade de pensamento e as possibilidades de ação individual dos sujeitos. De acordo com Van Dijk (2003), todo planejamento teórico mostra-se adequado sempre que permita examinar discursivamente problemas sociais relevantes, tais como o racismo, o sexismo, a xenofobia e outras formas de discriminação social.

Concomitantemente, também serão utilizados nas análises os conceitos e propostas dos estudos *queer*. Nascida no auge da mortal crise epidêmica da aids no final dos anos 1980 e no consequente retorno da patologização da homossexualidade, a teoria *queer* se autoneomeia com um termo ofensivo às dissidências sexogendéricas como um gesto político de ressemantização do insulto e empoderamento das sexualidades e gêneros disruptivos.

Inicialmente, é importante esclarecer que o termo *queer* não possui uma tradução adequada e inteligível em outras línguas. Em inglês, pode significar esquisito, ridículo, estranho, anormal, abjeto, excêntrico. No entanto, os seus sentidos são bem mais complexos. Empregada por muito tempo para ofender e insultar gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, a expressão *queer* foi reapropriada e ressignificada por esse grupo de forma radical, como estratégia de resistência e autoempoderamento. *Queer* é algo indefinível, inexplicável e instável, tal como descreve a teórica norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick, uma das pioneiras dos estudos *queer*, com a sua obra *Epistemology of the closet* (1990).

De acordo com Sedgwick (1990), no início do século 20, passa a ser difundida uma acepção pejorativa e difamatória do termo *queer*, atribuído a homens “afeminados” que se vestiam ou gesticulavam como mulheres ou que mantinham relações sexuais com outros homens. Em decorrência do complexo cenário da década de 1980 resultante da epidemia de HIV/aids, testemunha-se o aparecimento de um fenômeno paradoxal no que se refere à homossexualidade. Por um lado, há um flagrante retrocesso homofóbico da sociedade como um todo, provocado pela doença então rotulada de “praga” ou “câncer” gay. Por outro, nos centros urbanos norte-americanos, as comunidades gays e lésbicas se firmam cada vez mais, constituindo uma sólida identidade pública institucional, social, política e cultural. Nesse sentido, significativos avanços foram alcançados com relação à participação política,

aos direitos civis e à representatividade nas esferas governamentais e midiáticas.

No final dos anos 1980 e início dos 1990, a palavra *queer* começa a ter seu uso reclamado e ressignificado pelos próprios gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, especialmente por quem, num primeiro momento, possuía um engajamento mais ativista ou uma postura radical. Ao longo dos anos 1990, sobretudo devido ao bem-sucedido movimento da *Queer Nation* de reapropriação e renovação dos sentidos do vocábulo *queer*, o termo passou a ser amplamente usado pela militância LGBT ao redor do globo, pela academia e pelo mundo das artes. Atualmente, *queer* funciona como um termo guarda-chuva, abrindo todas as diversidades sexuais e gendéricas, isto é, todos os que não são heterossexuais e/ou cisgêneros. Mas visa principalmente abarcar e visibilizar os marginalizados e os desviantes, os que não se adequam ao padrão cis-heteronormativo.

No campo acadêmico, em particular, a noção de *queer* foi responsável por revolucionar as pesquisas sobre gênero, bem como os estudos gays e lésbicos. Em termos epistemológicos, a teoria *queer* tem como influência fundante o pós-estruturalismo francês, em particular os estudos dos filósofos Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari. Em linhas gerais, os estudos *queer* são compreendidos como uma teoria pós-identitária, que assume que a orientação sexual e a identidade gendérica dos sujeitos são o resultado de um construto sociocultural e discursivo, e que, portanto, não há gênero, sexo ou sexualidade essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana.

Em outras palavras, é refutada a ideia de que a maioria da população é “naturalmente” heterossexual. Ora, se a homossexualidade é uma construção sociocultural, então a heterossexualidade – e o próprio binarismo hétero-homo – também o é, argumentam os pensadores *queer*. A abordagem crítica promovida pelos estudos *queer* problematiza a ideia de identidades sexuais pré-definidas, essencializadas e afixadas, contrapondo-se à ordem sociocultural responsável por produzir discursos que categorizam essas identidades como sendo aceitáveis/normais X abjetas/patológicas (BUTLER, 1993; MISKOLCI, 2016).

Desse modo, o termo *queer* vem sendo utilizado como um marcador da instabilidade e da fluidez da noção de identidade. Ademais, como argui Gamson (2006, p. 347), “a teoria *queer* e os estudos *queer*

propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução”. Nesse sentido, Silva (2010) ressalta que a guinada epistemológica encetada pelos estudos *queer* confunde e desarranja as tradicionais formas de pensar e conhecer. Além disso, a premência pela mudança e pelo devir o que confere potência ao pensamento *queer*, cujo enfoque se concentra em produzir uma compreensão mais acurada e problematizadora sobre as forças provenientes da cultura normativa.

Em suma, a pauta teórico-política assumida pelos pensadores *queer* se volta para dois pontos basilares: a) o questionamento acerca do caráter estável e preestabelecido das identidades sexuais; e b) a problemática da integração das pessoas homossexuais à cultura *mainstream* heterossexual, sobretudo no que tange à reivindicação do direito à adoção e ao casamento. Evidentemente, isso não implica negar esses direitos aos LGBTs, fazendo com que não consigam valer-se dos benefícios legais do casamento e da adoção, por exemplo. Antes, interessa à teoria *queer* tensionar e indagar os motivos da ausência de legitimidade e reconhecimento social pertinente a certos estilos de vida que não têm como meta a formação de uma família monogâmica e com filhos.

Partindo, pois, dos preceitos teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso e da teoria *queer*, o presente estudo propõe analisar comentários homotransfóbicos observados no Facebook como reação ao vídeo intitulado *Casal gay é açoitado na Indonésia*, postado pela ONG Ostras G Diversidade em fevereiro de 2021.












Resultados e discussão










Os achados obtidos a partir da análise preliminar³ de uma amostra do *corpus* podem ser dispostos nas seguintes categorias analíticas: a retórica cis-heterocompulsória, a retórica religiosa, a retórica legalista, a retórica biologizante e a retórica derrisória, tal como exposto esquematicamente a seguir (Quadro 1):⁴














3 Esta é a fase inicial da pesquisa que desenvolvo no pós-doutorado em Direitos Humanos da UFPE.














4 Todos os comentários podem ser lidos originalmente da página do Facebook ONG Ostras G Diversidade. Disponível em: <<http://bit.ly/2N4Mlds>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

Quadro 1. Retóricas LGBTfóbicas postadas no Facebook

| PROPOSIÇÃO RETÓRICA | OCORRÊNCIAS (EXEMPLOS) |
|-------------------------------|---|
| Retórica cisheterocompulsória | <p> Essa medida não está correta, mas os homens e mulheres tem que ser mais racional e <u>reconhecer que o homossexualismo é um desequilíbrio, da natureza do indivíduo e indivíduo deve reconhecer se policial, e não fica dando mau exemplo.</u> Curtir · Responder · 1 sem · Editado</p> <p> SE AQUI NO BRASIL TIVESSE ESSA LEI,, <u>NOSSAS CRIANÇA,, NÃO IA PRESENCIAR TANTA IMORALIDADE E DESRESPEITO,,</u> Curtir · Responder · 1 sem · Editado   3</p> <p> Tinha que ter essa lei no Brasil por que <u>do jeito que tá a população vai findar e homem acasalando com homem" e mulher com mulher o homem está em extinção como vao fazer minino pra dar continuidade do ciclo</u> Curtir · Responder · 19 h · Editado</p> <p> Era bom se tivesse aqui também no Brasil <u>só assim os homem tinha vergonha na cara não ficava com outro ano e mulher também tinha vergonha na cara ficar com mulher</u> minhas aleitamento Brasil as pessoas tomar vergonha na cara você conhece o Brasil eu era a favor    8 Curtir · Responder · 6 d</p> |
| Retórica religiosa | <p> Nós evangélico devemos <u>encinar e mostrar na bíblia pra eles que Deus abomina o sexualismo ele fez a mulher e o homem não devemos passar a mão na cabeça e achar que isso é o certo satanás que tá no corpo deles cegando a sua visão o que faz um homem e uma mulher se enteressar no mesmo sexo não é com violência mas sim mostrada na bíblia que Deus nos ama</u> Curtir · Responder · 1 sem</p> <p> Essa ainda é a menor dor pra eles porque se eles não se converterem a Cristo e largarem essa prática que é <u>abominação ao Senhor eles serão lançados no inferno</u> ainda só tem choro e ranger de dentes Curtir · Responder · 1 sem</p> |

| PROPOSIÇÃO RETÓRICA | OCORRÊNCIAS (EXEMPLOS) |
|------------------------|--|
| Retórica religiosa | <p data-bbox="461 269 1034 651">  <u>eles apanharam por ter saído dos fudamento de DEUS..JESUS veio para nos salvar os que deixou de agradar u diabo..Vc acha que isso agrada a DEUS. isso é sodoimismo. DEUS destruiu uma cidade por isso. Vai ler a BÍBLIA procura saber mais..agora não é justo que eles seja chibatado. Só que temos que respeitar as leis..espero que vc não se ofenda comigo. Não estou ti criticando .mais procura saber mais sobre JESUS CRISTO ..primeiro Corinthio capítulo 6 v10 o efeminado nao perdão meu reino . Tá na BÍBLIA</u> Curtir · Responder · 3 d </p> <p data-bbox="461 660 1034 1097">  Ninguém nasce gay , e ninguém escolher ser gay No que acredito , é que isso é obra maligna Que desde muito cedo <u>os espíritos imundo muda os sentimentos , os desejos da pessoa</u> <u>Para se libertar disso é querendo , com muito jejum e oração</u> Fazer igual Jesus disse , <u>negar a sim mesmo</u> tomar a cruz e segui-lo Por isso que a pessoa diz que não escolhe ser assim Mas essa é minha opnião , não me de 80 chibatadas por isso kkkk Curtir · Responder · 1 sem  1 </p> |
| Retórica legalista | <p data-bbox="461 1115 1034 1334">  Acredito que todos nós estamos triste por vê as agressões, porém <u>a interpretação da lei local envolvida não permite tal ato.houve todo um processo até isso acontece nos dias atuais, eu penso que não estamos preparados pra julgar questões de outra pátria.</u> Curtir · Responder · 6 d  1 </p> <p data-bbox="461 1343 1034 1497">  <u>crueidade? No caso lá só estão cumprindo a lei emposta no país ! Fizeram consciente que era proibido no local onde habitam.</u> Curtir · Responder · 1 sem    47 </p> |

| PROPOSIÇÃO RETÓRICA | OCORRÊNCIAS (EXEMPLOS) |
|---------------------|--|
| Retórica legalista | <p> Realmente é uma punição absurda mas <u>todo o crime tem sua punição.</u> O assalto o roubo o furto tem suas punições isto vai depender de onde vive o indevido. Tem lugar que se tem a pena de morte, outros prisões perpétua, outro prisão com menos rigor. <u>Eu não tenho dó de infrator, seja pelo crime que seja quem comete o crime de livre e espontânea vontade que assuma suas consequências.</u></p> <p> 1 Curtir · Responder · 6 d</p> <p> cada país faz suas próprias leis que que o Brasil tem a ver com isso <u>tem que dar um corretivo mesmo</u></p> <p>   10 Curtir · Responder · 1 sem</p> |
| Retórica biológica | <p> doença com certeza não e isso e comportamentomas <u>natural discordo uma vez q dois indivíduos do mesmo sexo não reproduz então não ha naturalidade nisso</u>faz o teste coloque 100 pessoas do mesmo sexo em uma ilha ...obs:...com os maiores confortos e condições de vida possível.....e deixe eles la por 60 anos vc verá q <u>a população não ira aumentar so diminuir pois isso não e natural</u>agora coloque 10 casais heteros na mesma ilha e volta 10 anos depois de 20 pessoas poderá dobrar ou triplicar <u>isso e natural</u>em questões sociais nao tenho nada contra gays são pessoas incríveis mas na parte religiosa sou totalmente contra esse comportamento</p> <p>  3 Curtir · Responder · 1 sem</p> <p> primeiramente que se fosse proibido ser hétero no Brasil não existiria "Brasil" porque <u>2 homens não fazem filhos e nem 2 mulheres</u>.e no caso você está falando de algo fictício, e eu estou argumentando em algo que é verídico que trata-se de uma lei imposta na aquela localidade!</p> <p>   13 Curtir · Responder · 1 sem</p> |

| PROPOSIÇÃO RETÓRICA | OCORRÊNCIAS (EXEMPLOS) |
|----------------------------|---|
| Retórica biologi- zante | <p> o dia que um filho meu virar isto é tiro meu nome do registro dele, e atropelo de casa. <u>Home nasce home, e mulher nasce mulher</u>, está é a natureza de Deus. Curtir · Responder · 4 d  1</p> <p> ai diferente <u>se trata de homem e mulher o natural não que as pessoa não possa escolher.. pode sim so não é o natural</u> Curtir · Responder · 4 d  1</p> |
| Retórica deris- sória | <p> É muito triste ver isso <u>a vara é muito fina</u> Curtir · Responder · 5 d</p> <p> eles estão bolados pq de em vezes dos caras te tomado paulada nas costas kkk, <u>eles queriam q fosse no fiofo 🍌 kkkk, se fosse no fiofo vcs não estariam assim Neh kkkk.</u> Curtir · Responder · 6 d</p> <p> <u>Açoite eu levava da minha mãe, umas porradinha dessas,</u> Curtir · Responder · 1 sem </p> <p> <u>Os manow tava batendo fraco de mais.</u> Curtir · Responder · 1 sem    17</p> <p> <u>tinha que bater mais</u> Curtir · Responder · 5 d</p> |

Fonte: o autor.

O modelo cis-heteronormativo de sexualidade e identidade de gênero estabelece como normais e socialmente aceitáveis os homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais. Como pode ser observar nos comentários acima, quaisquer outras situações que escapem a esse padrão hegemônico e estandardizado são marginalizadas, desprezadas ou mesmo estigmatizadas por práticas sociopolíticas, ideológicas, religiosas, etc. Rich (1980) denomina esse quadro de “heterossexualidade

compulsória”, sustentando que a heterossexualidade não é natural, e sim o resultado de um conjunto de práticas coletivas que a impõem como a maneira “correta” de os indivíduos se relacionarem sexual e afetivamente.

Nessa toada, também é possível compreender essa proposição retórica do ponto de vista do heterossexismo,

[...] que se define como a crença na hierarquia das sexualidades, que coloca a heterossexualidade em um nível superior. E o resto das formas de sexualidade aparece, no melhor dos casos, como incompletas, acidentais e perversas, e no pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização” (BORRILLO, 2011, p. 32).

Por seu turno, a noção de heteronormatividade, consoante Miskolci (2016), é concebida em 1991 pelo teórico social e crítico literário norte-americano Michael Warner, indicando uma “nova ordem social”, a qual impõe que todos estruturam as suas práticas sociais diárias em conformidade com o paradigma da heterossexualidade. De acordo com Colling e Nogueira (2015, p. 182):

Enquanto na heterossexualidade compulsória todas as pessoas devem ser heterossexuais para serem consideradas normais, na heteronormatividade todas devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham elas práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza as nossas vidas.

Além disso, Colling e Nogueira (2015) salientam ainda que, sob a ótica da cis-heteronormatividade, todos os indivíduos – independentemente da sua orientação sexual – podem ser considerados socialmente “coerentes” desde que mantenham a linearidade entre sexo e gênero. Ou seja, pessoas com genitália feminina, para serem aceitas na sociedade, devem agir como mulheres femininas, delicadas, meigas ou eventualmente com postura sexy, não podendo se identificar com nada que remeta à esfera do que se rotula usualmente como masculino – aliás, esse é fundamentalmente o mesmo argumento encontrado nas postagens de retórica biologizante.

A retórica religiosa também acompanha esse mesmo raciocínio heterossexista. De modo geral, as crenças religiosas em todo o mundo são normalmente vistas como poderosos indicadores de atitudes de uma determinada cultura no que diz respeito às dissidências sexuais e gendéricas – e, no caso particular do vídeo, à homossexualidade. A maioria das religiões hegemônicas tende a categorizar os comportamentos associados à homossexualidade como “não naturais”, “ímpios”, “impuros” e “pecaminosos” (YIP, 2005). Assim, em razão dessa retórica religiosa fundamentalista, atitudes anti-homossexuais são naturalizadas ou mesmo encorajadas não apenas no contexto da igreja e da comunidade de devotos, mas também se estendendo ao mundo secular. O medo do castigo divino frequentemente leva pessoas religiosas a encorajar outros indivíduos a adotarem posicionamentos homofóbicos e instituírem políticas de intolerância e discriminação (SCHEITLÉ; ADAMCZYK, 2009).

Já a retórica legalista é fundamentada na ideia de que, para que exista e consiga se manter a ordem na sociedade, todos devem obedecer sem questionar a um conjunto de leis postas e estritas, bem como aos que detêm autoridade institucional (governantes, políticos, juízes, dirigentes do serviço público, etc.). O raciocínio legalista constrói, pois, um método de punição e recompensa por certos comportamentos: se os cidadãos seguem as regras que lhes são impostas pelo sistema legal, administrativo e jurídico, o Estado e sua autoridade seriam fortalecidos, conseqüentemente a sociedade como um todo ganharia. Em contrapartida, observa-se um tom flagrantemente persecutório contra todos os que desafiam as instituições, como ocorre com o casal homoafetivo do vídeo: justifica-se qualquer penalidade – ainda que infringindo os direitos humanos – sob o argumento tautológico de que “lei é lei”.

Por fim, a retórica derrisória apela para o humor preconceituoso com manifesta discriminação por orientação sexual – denominado ironicamente hoje em dia de “homofobia recreativa”. São discursos que tentam se valer de uma suposta salvaguarda de que são “só piadas”, mas que efetivamente constituem patentes violências simbólicas LGBTfóbicas. Como apontam Saraiva e Irigaray (2009), ao contrário dos negros, mulheres, deficientes e obesos – estigmatizados por suas características físicas e mentais –, os gays são alvo de riso pela percepção social de a homossexualidade é um desvio de conduta moral. Tem-se, enfim, que a homossexualidade – particularmente a

masculina –, na retórica derrisória e heterossexista, é associada à fragilidade, indecência, promiscuidade, futilidade e a valores e atitudes pouco ou nada apropriados socialmente, dignos e viris.

Considerações finais

Apesar de o presente trabalho ser a etapa inicial de uma pesquisa *in fieri*, desenvolvida no âmbito do estágio pós-doutoral do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, é possível concluir que, diante desses resultados, fica evidente a importância e a urgência de a academia voltar a sua atenção para a população *queer*, isto é, para todas as diversidades sexuais e de gênero, para todos os indivíduos que não são heterossexuais e/ou cisgêneros. É necessário abarcar e visibilizar especialmente aqueles sujeitos que foram historicamente marginalizados e vulnerabilizados, os desviantes, os que não se adequam nem à heteronormatividade nem à homonormatividade, e que enfrentam diariamente discriminação e preconceito, tornando-se os principais alvos do ódio destilado nos comentários homotransfóbicos nas redes sociais.

Referências

- BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- BUTLER, J. **Bodies that matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.
- COLLING, L.; NOGUEIRA, G. Relacionados mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S.R.S. (Orgs.). **Transposições**: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2015. p. 171-185.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2.ed. Brasília: Ed. UnB, 2016.
- GAMSON, J. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006. p. 345-362.

LOPES, D. O entre-lugar das homoafetividades. **Ipotesi**, v. 5, n. 1, p. 37-48, 2011.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs**, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SARAIVA, L.A.S.; IRIGARAY, H.A.R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso? **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 337-348, 2009.

SEDGWICK, E.K. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SCHEITL, C.; ADAMCZYK, A. It takes two: the interplay of individual and group theology on social embeddedness. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 48, n. 1, p. 16-29, 2009.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VAN DIJK, T.A. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H.E. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 352-371.

VAN DIJK, T.A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

YIP, A. Queering religious texts: an exploration of British non-heterosexual Christians' and Muslims' strategy of constructing sexuality affirming hermeneutics. **Sociology**, v. 39, n. 1, p. 47-65, 2005.